

A CULTURA DO DESCARTÁVEL

Pedro Vaz Patto



Um dos artigos deste Número da nossa Revista alerta para os perigos de certos manuseamentos das descobertas, no âmbito da genética. «O DNA não me deixa dormir» – afirma, a propósito, a investigadora dessa área Jennifer Doudna, referida nesse artigo. Mas parece-me que o maior desses perigos já se vem concretizando desde há muito: tem a ver com o destino de crianças com trissomia 21, detectada através de exames pré-natais.

É de 92 por cento a média europeia das gravidezes em que é detectada essa doença e que terminam com o aborto provocado. Essa percentagem atinge o seu máximo (98 por cento) na Dinamarca, onde uma campanha do Governo pretende abertamente que se atinja uma situação em que pessoas que sofram de trissomia 21 deixem de existir (uma sociedade "Down free" seria uma sociedade melhor), e não certamente porque seja descoberta a cura dessa doença. Pelo contrário, na generalidade dos países, os investimentos em investigação sobre tal doença (a que dedicou toda a sua vida o médico francês Jerome Lejeune, amigo de São João Paulo II e cujo processo de beatificação está em curso) quase desapareceram. Isto apesar de tais pessoas poderem beneficiar hoje de uma esperança média de vida bastante superior à de há alguns anos.

Com a intenção de contrariar este estado de coisas, surgiu um *spot* elaborado em França e difundido através do *Youtube* por todo o mundo (foi visto por mais de sete milhões de pessoas). Foi premiado no Festival de Cannes, intitulado *Chère future maman*, e recolheu depoimentos de pessoas com trissomia 21 que testemunham a sua felicidade e a sua capacidade de trabalhar e de amar. O Conselho Superior do Audiovisual francês proibiu a difusão desse *spot*, com o fundamento de que poderia perturbar as mulheres que decidissem abortar, quando fosse detectada tal doença no feto. A intenção do *spot* não era – claramente – a de condenar essas mulheres, mas a de evitar

que tomassem tal decisão irreversível com base no medo e na ignorância, uma decisão de que poderiam vir a arrepende-se. E – tive ocasião de ver esse *spot* – com uma linguagem serena e nada ofensiva. Alguns jovens adultos com trissomia 21, mas com as necessárias faculdades intelectuais e volitivas, impugnam judicialmente tal proibição, por atentado à liberdade de expressão.

Todo este clima não encoraja, nem as famílias que, "contra a corrente", decidem acolher estas crianças, nem todas as pessoas que se esforçam pela plena integração social de crianças, jovens e adultos com trissomia 21. Como se estes não fossem bem-vindos nesta nossa sociedade.

Uma sociedade que se orgulha de conquistas civilizacionais como a do respeito pelos direitos humanos, aceita esta situação com indiferença, acriticamente, como se já nem sequer houvesse algo a discutir a este respeito. E é assim ainda mais em países muitas vezes apresentados como modelos de progresso social.

Não estamos perante progresso algum, mas perante um grave retrocesso. Um retrocesso a uma mentalidade pré-cristã. O retrato dos primeiros cristãos que consta da célebre *Carta a Diogneto* indica, como uma das suas características, que contrastavam com os hábitos então correntes, o facto de eles não abandonarem as crianças à nascença (tivessem ou não alguma deficiência).

O artigo deste Número sobre os perigos da genética termina com uma alusão às admoestações do Papa Francisco contra a «cultura do descartável». Muitas vezes essas admoestações indicam como primeiras vítimas dessa cultura, precisamente, as crianças não nascidas, «que nem chegam a ver a luz deste mundo». Entre estas contam-se hoje, em muitos países, quase todas as que sofrem de trissomia 21. A «cultura do descartável» chega a este ponto. Há que fomentar, por todos os meios, contra tal cultura, a cultura do acolhimento e do amor. ●